



IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

COMO NASCE UMA PESQUISA: O PERCURSO AFETIVO DE UMA PROFESSORA-ARTISTA-PESQUISADORA

Yasmin Maschio da Silva¹
Instituto de Artes - Unesp

Resumo

O presente trabalho apresenta reflexões a partir de práticas vivenciadas em um projeto educativo intitulado "As Sementes que Encontrei no Parque", realizado em uma escola municipal de Educação Infantil no Município de Suzano/SP, bem como as reverberações desse projeto na prática da autora como professora, artista e pesquisadora. Analisa-se como o projeto transformou e inspirou sua prática artística, fundamentando o desenvolvimento de sua pesquisa de mestrado, e a potência de experiências estético-artísticas em diálogo com o território para manifestar e transformar outras formas de ser, estar, aprender e ensinar.

Palavras-chave:

Professor-Artista; Experiência Estética; Arte e Natureza; Território.

1. Introdução

A primeira coisa que aprendi, genuinamente, como professora na escola — e sem ela talvez não tivesse aprendido mais nenhuma outra — foi a observar. Trabalhando com bebês e crianças bem pequenas na educação infantil, no início da minha trajetória docente, entendi o valor da observação e da escuta, não apenas como competência, mas como forma de estar no mundo. Foram as crianças que me ensinaram a ver: minhas filhas e os pequenos estudantes na escola.

Meu percurso na educação infantil transformou minha prática como professora, como artista, como ser humano, e plantou uma semente que passou a germinar imediatamente: a da pesquisadora. Este trabalho é o relato de um percurso que nasceu da experiência em um projeto educativo de Arte e Natureza desenvolvido em 2025 com uma turma de crianças de 5 e 6 anos na escola Vera Lúcia Miranda, em Suzano/SP, projeto que nasceu da escuta, da observação e do diálogo vivo com o território.

¹ Yasmin Maschio da Silva é artista visual, ilustradora e professora de Arte da rede pública municipal de Suzano (SP). Mestranda do Programa de Pós-Graduação Profissional em Artes (Prof-Artes), no Instituto de Artes da Unesp, desenvolve pesquisas e práticas que articulam arte, natureza, experiência estética e educação. Seu trabalho transita entre a docência, a produção artística e a investigação dos processos de criação e formação sensível. yasmin.maschio@unesp.com • <http://lattes.cnpq.br/0342449259393038>



IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

Pretendo aqui discorrer sobre as reverberações dessa experiência em minha prática como professora, artista e, agora, pesquisadora. É um relato sobre como uma pesquisa nasce: não de uma hipótese predefinida, mas de um encontro, de uma curiosidade compartilhada, de uma transformação para além da sala de aula, e me fez querer ver mais, saber mais, experienciar mais, culminando hoje no desenvolvimento de uma pesquisa acadêmica no mestrado, onde analiso de maneira mais aprofundada essas relações entre o fazer docente, arte, natureza e experiência estética.

Com este texto, portanto, não pretendo responder às perguntas que hoje orientam minha pesquisa de mestrado, mas contribuir para a discussão sobre a necessidade de práticas escolares que privilegiam experiências investigativas, criativas e sinestésicas. E pretendo, sobretudo, oferecer um testemunho: o de que uma pesquisa pode nascer de um olhar.

2. *Percurso*

O projeto "As Sementes que Encontrei no Parque" nasceu de um encontro casual: durante uma vivência no parque, onde estávamos observando e registrando em desenho os terrenos da escola, um estudante encontrou uma baga e, ao brincar, descobriu sementes dentro dela. A curiosidade se espalhou entre as crianças, que ao final da aula tinham os bolsos cheios de feijão-bravo (*Mucuna pruriens*), planta forrageira que integrava a Mini Floresta da escola, criada em 2023 por uma professora participante do projeto Formigas de Embaúba. Ao explicar que aquelas sementes precisavam retornar ao ciclo da floresta, as crianças ficaram tristes, mas profundamente interessadas em saber mais. Desse desejo nasceu o projeto.

Em outra aula, fomos novamente ao parque, onde observamos mais atentamente esse mini ecossistema e todos puderam escolher uma semente. Plantamos, cuidamos e observamos atentamente suas transformações. Cada etapa revelou uma nova possibilidade. Desenhos de observação registraram as mudanças dos brotos; frotagens de folhas revelaram nervuras e formatos. Descobrimos que as duas primeiras folhas são sempre diferentes das demais. Criamos mandalas com feijões variados, exploramos aquarela e tinta feita com feijão-preto. Aprendemos sobre o feijão como alimento das Américas e dos povos indígenas originários, e fizemos uma degustação: carioca, preto, branco, vermelho, farofa de fradinho, broto moyashi — devido à forte influência japonesa em Suzano, onde o alimento integra o cotidiano de muitos moradores. Finalmente, devolvemos o pé de feijão à Mini Floresta, interferindo o

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

mínimo possível no ciclo. As crianças puderam observar, respeitando o espaço dos demais seres vivos, e explorar possibilidades artísticas com diversos materiais, semeando, cultivando e desenvolvendo consciência ecológica.

Em paralelo ao projeto com as crianças, passei a investigar, no meu processo artístico, os feijões, conteúdos tão característicos da educação infantil. Estimulada pelas práticas com as crianças, produzi tintas artesanais a partir da laca obtida do pigmento do feijão-preto, criei aquarelas, antotípias e fitotípias.

A natureza protagonizou comigo esta experiência, ensinando-me sobre entrega, paciência e respeito aos ritmos naturais: a natureza é protagonista no processo, os resultados são variáveis e o inesperado é bem-vindo. Foi nesse momento — da investigação em sala de aula à experimentação no meu ateliê — que percebi estar vivendo uma experiência no sentido que Jorge Larrosa (2002) atribui à palavra: algo que nos acontece, nos toca e nos transforma.

Neste período, passei a viver o tempo da experiência. Meu olhar esteve mais atento, investigando cada possibilidade daquele território, e, assim como as crianças, a curiosidade me motivava a experimentar, observar e pesquisar. E isto me trouxe o questionamento: se as experiências artísticas na sala de aula provocaram nas crianças o mesmo que provocaram em mim. E foi esta a pergunta que me motivou a aprofundar o estudo sobre esses processos e reverberações no mestrado profissional em artes.

3. Reflexões

O emparedamento da infância, a hiperconectividade e a aceleração são fenômenos que permeiam a contemporaneidade e atravessam o cotidiano escolar. Tais fenômenos enfatizam a necessidade de experiências significativas em diálogo com a arte, natureza e território que favoreçam a investigação, a autonomia e experiências sensoriais significativas (INSTITUTO ALANA; ESCOLA MAIS NATUREZA, 2025).

Diante desse cenário, minha prática como professora na educação básica busca caminhos possíveis de restauração da relação sensível entre conhecimento, corpo e natureza. E foi em uma dessas proposições — o projeto "As Sementes que Encontrei no Parque" — que meu caminho cruzou o da pesquisa, de forma mais direta.

A arte na escola não é mera alegoria ou ornamento, mas modo de perceber, conhecer, entender e ser no mundo em que vivemos. Segundo Eisner (2008), as artes lidam com

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

aspectos da experiência e da aprendizagem humana frequentemente negligenciados pelos modelos educacionais tradicionais. Para ele, a imaginação, a sensibilidade, a interpretação, a incerteza desempenham papel importante na educação. Isso tornou-se evidente ao longo do processo, que envolveu diversas experiências estéticas e artísticas e, ao valorizar as experimentações e descobertas, abriu espaço para a investigação e a construção de conhecimento, possibilitando criar hipóteses, compreender possibilidades, e construir novos significados acerca de si mesmo e do mundo.

A experiência vivida indica, portanto, que educar não significa apenas transmitir conhecimentos, mas ampliar a capacidade humana de perceber, imaginar, interpretar, criar e atribuir significado, afetando e sendo afetado. A experiência implica transformação, afeto e elaboração de sentidos; exige envolvimento, corpo e tempo. Não é apenas viver algo, mas ser tocado por isso (LARROSA, 2002). Foram os processos em sala que mobilizaram minhas investigações pessoais. A aprendizagem se configurou como prática coletiva — entre as crianças, o território e eu — e o conhecimento nasceu, de fato, da relação com o mundo ao nosso redor. Fui tocada, atravessada, transformada.

Segundo Pereira (2014), o professor-artista cria, experimenta, inventa. Lança proposições que provocam experiências, valorizando o processo, não apenas o resultado, e atuando em redes, de forma sensível e inventiva. Foi assim que me reconheci: a arte me transformou, transformou minha prática em sala, minha observação do mundo, me colocou de modo ativo e consciente como pesquisadora. Me instigou a aprofundar e, hoje, desenvolvo minha pesquisa de mestrado, buscando compreender como a experiência estética, artística e educativa pode transformar o olhar e ressignificar as relações com o mundo, com os demais seres vivos e com nós mesmos.

4. Considerações Finais

As inter-relações entre o fazer docente, o processo artístico e a investigação do território configuram-se como experiências simbólicas, sensíveis e transformadoras. Nesse percurso, a professora e a artista não aparecem como instâncias separadas, mas como dimensões indissociáveis de uma mesma prática: a observação atenta e a escuta que caracterizam minha atuação em sala são os mesmos gestos que orientam minha pesquisa e minha criação. Continuo este percurso situado na inter-relação entre o ensino da arte, a

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu • SP • 2026

formação docente e o fazer artístico como ato político e poético, restaurando vínculos afetivos e simbólicos com o território e ampliando a percepção, a sensibilidade e a consciência do estar-no-mundo. O que este relato evidencia é que uma pesquisa pode, de fato, nascer de um olhar — e que esse olhar, quando se coloca disponível ao encontro, transforma não apenas quem vê, mas o próprio modo de ver.

Referências

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 13 jun. 2026.

EISNER, Elliot W. **O que pode a educação aprender das artes sobre a prática da educação?** *Currículo sem Fronteiras*, v. 8, n. 2, p. 5-17, jul./dez. 2008. Disponível em: <https://www.curriculosemfronteiras.org/vol8iss2articles/eisner.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2026.

INSTITUTO ALANA; ESCOLA MAIS NATUREZA. **Educação baseada na natureza: um guia para escolas mais verdes e resilientes**. São Paulo: Instituto Alana, 2025. Disponível em: https://escolamaisnatureza.com.br/wp-content/uploads/2025/10/2025_Guia_EBN_digital.pdf. Acesso em: 13 jun. 2026.

PEREIRA, Juliana Cristina. **Cartografias afetivas: proposições do professor-artista-cartógrafo-etc**. *Ra'e Ga: O Espaço Geográfico em Análise*, Curitiba, v. 30, p. 106-130, abr. 2014. ISSN 2177-2738. Disponível em: <http://observatoriodgeografia.uepg.br/files/original/28dd05582d60d75726036f9e93b44e885380e.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2026.

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:

